



O MAE e os 70 anos da UFBA

Este número do Boletim do MAE tem um caráter comemorativo. Ele pretende tornar relevante a passagem dos setenta anos da Universidade Federal da Bahia, e todas as atividades profícuas que se desenvolveram em torno de dois campos disciplinares próprios: a arqueologia e a etnologia.

Neste sentido, buscamos pontuar uma série de elementos que apontam para o segmento da arqueologia e etnologia, sobretudo a partir da criação do MAE/UFBA, em 1983, valendo-se de informações concernentes aos acervos do MAE/UFBA nestas áreas. Deste modo, simplesmente apontamos personagens, indicamos obras, e oferecemos indícios a partir dos quais uma

narrativa pode ser composta para falar da UFBA e deste Museu que a ela pertence.

Esta narrativa informa sobre a história, as muitas histórias, pela qual a arqueologia e a etnologia se desenvolveram nestas sete décadas, e como elas podem ser objetivadas dentro de uma instituição universitária de caráter museológico – com todos os seus problemas, dilemas, encruzilhadas, acertos e erros.

Comemoramos isto tudo, aliás, certos de que outros setenta anos advirão para a UFBA, e de que é impossível, ou improvável, falar do futuro que virá sem reconhecer nele o lugar do Museu de Arqueologia e Etnologia. Saravá!

Editorial

O presente número tem como foco a passagem dos setenta anos da UFBA. De uma maneira sistemática dividimos nosso espaço de modo a oferecer uma apreciação sobre a arqueologia e a etnologia conforme realizadas no MAE.

O primeiro texto, de autoria da conservadora Mara Vasconcelos e da arqueóloga Tainã Moura, faz uma apologia da arqueologia baiana focando, sobretudo, em insígnies arqueólogos como Valentim Calderón, a partir do qual o MAE se formou, Carlos Ott, e, por fim, Carlos Etchervarne. Ao lado dos dados biográficos referentes a estes arqueólogos, indicamos sua obra de maior relevância..

Já o segundo, escrito por Tainã Moura, discorre sobre o acervo arqueológico sob guarda da UFBA. O texto traz informações sobre a formação deste acervo, e sobre uma tipologia que ele comporta.

No que respeita a etnologia três textos são apresentados neste volume. No primeiro as professoras Ana Cláudia Gomes de Souza e Jurema Machado de Andrade Souza nos oferecem um breve quadro sobre o PINEB, o programa de estudos das populações indígenas da Bahia, cuja importante atuação social conformou os mais variados esforços para a sustentação de um indianismo dentro da sociedade baiana, com repercussões nacionais reconhecidas. No segundo texto o museólogo Antônio Marcos Passos fala do acervo etnológico depositado no MAE, indicando sua relevância e sua qualidade. É sem dúvida o esforço de pesquisa mais consistente e duradouro para alavancar os estudos das populações indígenas locais.

Por fim, na sua coluna sobre Antropólogos e Antropologia na Bahia o antropólogo Cláudio Pereira discorre sobre o significado acadêmico da Etnologia, este ramo do conhecimento social, que nomeia o nosso MAE/UFBA.

Esperamos que apreciem a leitura!

Cláudio Luiz Pereira
Diretor do MAE/UFBA

Em foco

2016: O MAE se renova

Por Nathaly Gonçalves, bolsista em Comunicação do MAE/UFBA

No primeiro semestre de 2016 o MAE-UFBA realizou uma série de eventos abrangendo diferentes performances culturais, o que possibilitou ainda mais nossa aproximação com o público. Exemplo disto foi *Il Sarau de Poesia Indígena*, que foi palco para poetas e poetisas se expressarem e agradecer os ouvintes presentes com suas rimas e performances. No fim do sarau os integrantes do PET Comunidade



Exposição: Índios - Os Primeiros Brasileiros

Indígenas da UFBA fecharam com chave de ouro o evento ao apresentarem suas danças rituais como Auê e Toré. Também nos aventuramos na área do audiovisual ao produzirmos a mostra de vídeo *Vozes Indígenas* que, assim como o sarau de poesias, fez parte da programação do Abril Indígena/2016 da UFBA. Outro exemplo vem da exposição fotográfica *A Jornada Fotográfica de Guido Boggiani*. E mais: em abril a equipe técnica do MAE lançou o livro *Memória em Tons de Sêpia: a Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia no Acervo do Museu de Arqueologia e Etnologia*. Essa publicação foi um dos projetos surgido graças a chegada do espólio de Valentin Calderón ao MAE. Por fim, ainda na primeira metade do ano, o MAE iniciou a montagem da maior exposição já produzida em suas instalações, *Índios: Os Primeiros Brasileiros*. Itinerante, esta exposição já havia passado por seis cidades anteriormente e foi inaugurada no dia 02 de julho, data em que também se comemorou o aniversário da UFBA. Todos os eventos aqui citados fizeram parte do calendário de comemorações dos 70 anos da UFBA, ação que abarca uma grande diversidade de eventos por toda a universidade e se estenderá até o fim desse ano.

Expediente



MAE/UFBA

Direção
Cláudio Luiz Pereira

Museólogo
Antônio Marcos Passos

Conservação e Restauro
Mara Lúcia C. Vasconcelos
Celina Rosa Santana

Arqueologia
Tainã Moura Alcântara

Administração
Alice Gomes (Assistente de Administração)
Carlos Dantas (Auxiliar de Administração)
Geovane Hilário da Silva (Eletricista)
Izania Santos (Assistente de Administração)
Regina Lemos (Secretária Administrativa)

Estudantes Bolsistas
Adriano Almeida, Beatriz Abrantes,
Fernanda Atayde, Gabriel Cardoso,
Isabela Almeida, Jéssica Lima, Lais Machado,
Luana Tamires, Luise Pereira, Mauricéia Silva,
Maycon Jhossys, Marineide da Mata,
Nathaly Gonçalves, Rafael Ferreira,
Suyllan Fonseca, Tatiane Silva

Edição e Revisão
Coletivo MAE/UFBA

Diagramação
Alice Meira Gomes Dórea

Funcionamento: Segunda à sexta, das 09h às 17h.
Terreiro de Jesus, s/n, Prédio da Faculdade de Medicina da Bahia - Pelourinho. 40025-010.
Salvador-BA. Tel.: 71 3283-5530
mae@ufba.br | www.mae.ufba.br

A arqueologia na UFBA

Por Tainã Moura Alcântara¹ e Mara Lúcia C. Vasconcelos²

No ano em que se comemoram os 70 anos de UFBA, o MAE busca rememorar, de maneira breve, a trajetória da Arqueologia dentro da universidade, trajetória esta que se mistura com a própria história do museu. Antes ainda de qualquer sistematização das pesquisas arqueológicas, ainda no início do século XX, a arqueologia atraiu curiosos vindos de outras áreas, como o médico Vital Rêgo e o padre Carlos Ott, que passaram pela UFBA e coletaram artefatos em suas andanças pela Bahia. Nos anos 1960, a arqueologia passou a ter um caráter mais científico através da criação do Laboratório de Arqueologia e Etnologia do então Instituto de Ciências Sociais da universidade, por Thales de Azevedo e Valentin Calderón, este último representante regional do Programa Nacional de Pesquisa Arqueológicas (PRONAPA) e idealizador do MAE.

A partir de 1980, a arqueologia realizada na universidade passa a ter o museu, inaugurado em 1983, como locus principal de desenvolvimento. Através da atuação de Carlos Etchevarne e equipe, o MAE foi responsável por projetos de grande vulto, como o salvamento arqueológico de Itaparica do São Francisco e os projetos Piragiba e Arqueologia Urbana no Centro Histórico, dentre muitos outros. No mesmo período, a Arqueologia foi inserida como área de concentração no Programa de Pós-graduação em Antropologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (PPGA/FFCH). Nos dias atuais, o MAE volta sua atuação para a preservação e gestão dos acervos arqueológicos coletadas em toda este percurso da arqueologia na UFBA, sob a coordenação de Tainã Moura Alcântara.

Dentre os muitos profissionais que foram personagens desta história, selecionamos três que acreditamos figurar como protagonistas na construção da disciplina dentro da universidade e no estado da Bahia: Carlos Ott, Valentin Calderón e Carlos Etchevarne. Ao fim das breves biografias aqui apresentadas, lembramos também o nome dos muitos outros que compuseram esta história, e deixamos nossa homenagem.

Carlos Ott



O médico Carlos Ott, nascido Karl Borromaeus Ott em 1908 na Alemanha, radicou-se no Brasil a partir dos anos 1940, contribuindo de forma importante, ainda que amadora, para as primeiras pesquisas arqueológicas na Bahia. Seus estudos no interior do estado resultaram nas publicações *Vestígios de cultura indígena no sertão da Bahia* (1945) e *Pré-história da Bahia* (1958). Além de compor o corpo docente da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FFCH) da UFBA, Ott também atuou no Instituto Central de Educação Isaías Alves (ICEIA), no Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN, atual IPHAN) e no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB). Suas coletas deram origem à coleção arqueológica Carlos Ott, composta por 15 objetos e salvaguardada pelo MAE/UFBA.

Pré-história da Bahia

O livro apresenta as incursões de Carlos Ott pelo interior da Bahia, mais especificamente nas regiões de Jequié e Campo Formoso, onde o pesquisador identificou vestígios arqueológicos de pintura rupestre e da tradição Tupi-guarani.



Outros arqueólogos que atuaram na UFBA

Gilson Rambelli | Leila Almeida |
Verbena Galvão | Fabiana Comerlato |
Carlos Costa | Henry Luydy |
Abraham Fernandes | Alvandy Dantas
Bezerra | Yara Ataíde | Gustavo
Wagner | Rodrigo Torres

Valentin Calderón

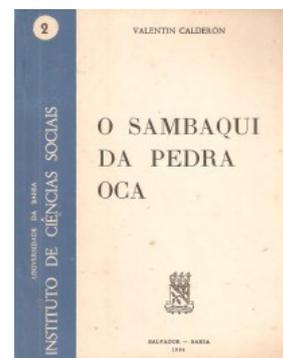


Valentin Calderón, espanhol, chegou ao Brasil no final dos anos 40, é um dos mais influentes pesquisadores da arqueologia na América, pois foi pioneiro na realização de pesquisas arqueológicas sistemáticas e de base científica e criou na Bahia o primeiro Laboratório de Arqueologia e Etnologia (LARET). Foi um dos correspondentes no Nordeste do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA), quando manteve contato com importantes pesquisadores para a arqueologia, como Betty Meggers e Clifford Evans. Criou a Associação de Arqueologia e Pré-história da Bahia (1974), instituição através da qual desenvolveu o Projeto Sobradinho de Salvamento Arqueológico, sob o patrocínio da CHESF. Foi o responsável pela idealização do MAE/UFBA, embora tenha falecido antes de ver o Museu concretizado, sua coleção arqueológica foi uma das quais se assentou a sua fundação. A produção bibliográfica de Calderón também é ampla podendo-se destacar, sobretudo, O Sambaqui da Pedra Oca, projeto que trabalhou no início dos anos 60 tendo publicado o resultado das suas pesquisas em 1964.

O Sambaqui da Pedra Oca

Este livro é um dos produtos dos esforços do professor Calderón e sua equipe (Pedro Agostinho e Marlí Geralda de Jesus) no projeto de busca, escavação, coleta e análise no Sambaqui localizado no bairro de Periperi, cidade de Salvador. No sítio estudado foram achados diversos materiais, tendo destaque a grande quantidade de fragmentos cerâmicos, (total de 1234) principalmente, das camadas estratigráficas mais recentes. Outros artefatos coletados no sambaqui da Pedra Oca foram ossos, material malacológico e lítico. O *Sambaqui da Pedra Oca* apresenta de forma sistemática os resultados da pesquisa sendo uma fonte sobre a pré-história baiana, assim como uma fonte histórica para as pesquisas em arqueologia.

Resumo elaborado por Deise Lima, bolsista do MAE/UFBA



Carlos Etchevarne

Carlos Alberto Etchevarne é professor doutor e pesquisador do departamento de Antropologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Começou sua história no Museu de Arqueologia e Etnologia da UFBA em 1986 como bolsista de aperfeiçoamento científico do CNPq, com o Projeto de Salvamento Arqueológico Itaparica-São Francisco. Participou desde então, aos dias atuais, da administração do MAE/UFBA como Vice-Diretor e Coordenador do Núcleo Avançado de Pesquisas Arqueológicas (NAPAS) em Porto Seguro (1996 a 2002); como responsável pelo setor de pesquisa (1995 a 2003) e como Membro do Conselho do MAE/UFBA em dois períodos de 1995 a 2002 e de 2009 até os dias de hoje. Durante sua passagem pelo Museu coordenou uma série de projetos, dos quais podemos destacar Projeto Arqueológico Piragiba (1996 a 1988); Programa de intervenção Arqueológica na Cidade Alta de Santa Cruz de Cabrália (1999 a 2000) e Plano de Intervenção Arqueológica da área da Antiga Igreja da Sé (1999 a 2002). É um dos líderes do grupo de pesquisa Bahia Arqueológica, coordena o Laboratório de Arqueologia da UFBA, que funciona nas dependências da Faculdade de Filosofia e é grande responsável pelo desenvolvimento da ciência na Bahia, ministrando as únicas disciplinas de arqueologia ofertadas na UFBA: Introdução à Arqueologia e Arqueologia Brasileira. Em 2006, venceu a terceira edição do Prêmio Clarival do Prado Valladares, promovido pela Odebrecht, pelo Projeto Homem e Natureza – Imagens da Arte Rupestre na Bahia. Através do Prêmio, Carlos Etchevarne lançou o livro *Escrito na Pedra – Cor, forma e movimento nos grafismos rupestres da Bahia*.

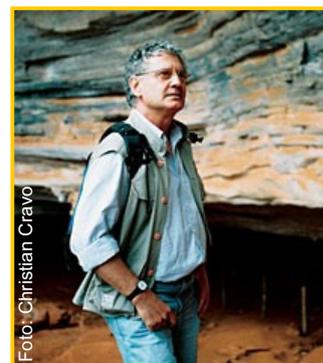


Foto: Christian Cravo

Escrito na Pedra – Cor, forma e movimento nos grafismos rupestres da Bahia.

Além de apresentar os registros rupestre da região da Chapada diamantina na Bahia, o livro faz um panorama geral da análise de registros baianos, desde os primeiros viajantes e curiosos até a apresentação de pesquisas que estão se desenvolvendo e novas possibilidades interpretativas, incluindo a relação Homem/Natureza, um detalhamento técnico da execução de diversos tipos de registros rupestres (pintado ou gravado) sem esquecer os grupos humanos que realizaram os registros: os índios. O livro ainda inclui um glossário que permite ao leitor de outras áreas compreender os ditames arqueológicos, e traz um caderno didático com pinturas do sítio 'Pedra da Figura' e todas as etapas de sobreposição separadas por folhas transparentes, onde o leitor pode visualizar o momento que queira do sítio. Este livro é a primeira grande publicação sobre as pinturas rupestres da Bahia e possibilita o desenvolvimento de diversas outras pesquisas sobre o tema.



¹Arqueóloga do MAE/UFBA. ²Conservadora-restauradora do MAE/UFBA

O Acervo Arqueológico do MAE/UFBA

Por Tainã Moura Alcântara

Ainda que o Museu de Arqueologia e Etnologia da UFBA tenha sido fundado em 1983, a formação do acervo o antecede em cerca de 30 anos. Este foi constituído por doações, aquisições e coletas de curiosos, antiquaristas e pesquisadores, que desde antes da década de 1960 se interessaram por artefatos arqueológicos e possibilitaram o início das pesquisas no estado.

Um desses curiosos é o médico Vital Rego, que coletou 61 objetos arqueológicos entre os quais estão pontas de projéteis, mãos de pilão, machados polidos, tembetás, cachimbos e rodela de fuso de fiar - esses objetos foram adquiridos por Thales de Azevedo e repassados ao Professor Valentin Calderón e hoje integram a Coleção Vital Rego do MAE/UFBA. Outro pesquisador foi o professor Carlos Ott que, a despeito de um interesse claro e mais acadêmico pela arqueologia (registrado em seu livro *Pré-História da Bahia*) coletou em uma atividade de campo, ainda sem metodologia, 15 peças que hoje levam o nome de Coleção Carlos Ott entre elas cachimbos, pontas de projéteis, fragmentos cerâmicos e machados polidos.

O avanço da Arqueologia enquanto ciência se deu com as pesquisas de Valentin Calderón, que utilizava o método científico na arqueologia, com escavações sistemáticas, controle e registro de campo. Apesar de ter planejado a fundação do Museu de Arqueologia, Calderón faleceu antes de ser efetivado. Deste modo sua coleção pessoal foi incorporada ao MAE/UFBA pos-mortem e hoje constitui a Coleção Valentin Calderón, com 261 objetos que incluem uma colher de concha marinha, urnas funerárias, machados polidos, vasilhames cerâmicos de uso cotidiano, lascas de material lítico, contas de colar feitas de pedra, machados semilunar, tembetás, carimbos para pintura corporal, dentre outros artefatos.

Outra coleção que faz parte do acervo do MAE/UFBA foi proveniente da parceria entre a Companhia Hidroelétrica do São Francisco (CHESF) e a Associação de Arqueologia e Pré-História da Bahia, coletada durante a execução do Projeto Sobradinho de Salvamento Arqueológico na área a ser inundada pelo grande lago do Reservatório Sobradinho. Esta coleção tem um total de 46 objetos, dentre os quais podemos destacar um

fragmento de rocha com pintura rupestre.

A Coleção Praça da Sé foi proveniente de escavação arqueológica realizada no Centro Histórico de Salvador, entre os anos de 1998 e 2001, coordenada pelo professor Carlos Ecthevarne. O projeto, que envolveu o Museu de Arqueologia e Etnologia da UFBA, a Prefeitura do Salvador e a Secretaria de Planejamento Ciência e Tecnologia do Estado da Bahia, foi desenvolvido dentro das comemorações dos 450 anos de Salvador, e buscava estruturas seiscentistas. Os objetos recuperados formam um total de 20 mil peças, onde podemos destacar o vasto acervo osteoarqueológico, como também louças, vasilhames de cerâmica vermelha, porcelanas, objetos de uso pessoal, contas de colares, objetos indígenas entre muitos outros.

O Projeto Piragiba também resultou em uma coleção com o mesmo nome. Proveniente de escavações arqueológicas na Vila de Piragiba, município de Muquém do São Francisco, região oeste do estado da Bahia, entre 1996 a 1998, é uma coleção com 10 mil objetos, com destaque para as urnas funerárias pertencentes à Tradição Aratu.

Com o avanço da arqueologia no país, principalmente da chamada Arqueologia Preventiva (que está associada à execução de obras com interferência em subsuperfície e o resgate prévio de dados e objetos arqueológicos, a fim de evitar a destruição dos mesmos) o MAE/UFBA, enquanto instituição que trabalha com arqueologia na Bahia, passou a fornecer apoio institucional a algumas dessas pesquisas o que ocasionou a ampliação do acervo em grandes proporções.

Entre os anos 1997 e 2014 o MAE/UFBA foi a instituição responsável por 83 projetos de arqueologia, dos quais a maioria é referente à Arqueologia Preventiva. Muitos destes fizeram parte do Núcleo Avançado de Pesquisas Arqueológicas de Porto Seguro (NAPAS-Porto Seguro). Esse aumento dos trabalhos, aliado a uma descontinuidade do corpo técnico do MAE/UFBA, dificultaram a gestão, a documentação, conservação e consequentemente a definição de um número exato da quantidade de peças que hoje compõe o acervo, mas a estimativa é que são mais de 200 mil peças, sendo que cerca de 150 mil peças, referentes às pesquisas



Registro do acervo arqueológico do MAE/UFBA

do NAPAS – Porto Seguro, estão hoje sob guarda temporária da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

Outro fator complicador foi a retirada da Reserva Técnica de Arqueologia das dependências da Faculdade de Medicina – prédio onde ainda hoje funciona o MAE/UFBA – no ano de 2011, que foi alocada em uma sala no Instituto Federal da Bahia (IFBA) devido a um acordo selado entre as instituições (IFBA e UFBA). Entre os anos de 2013 e 2014 esse acervo foi realocado dentro da mesma instituição, em quatro salas, onde se encontra até os dias de hoje. Essas salas não possuem as condições adequadas para armazenar os materiais arqueológicos de forma que garanta a sua salvaguarda. Portanto, desde 2014, a nova equipe técnica do MAE/UFBA vem reunindo esforços para melhorar as condições de acondicionamento, como também para realizar o inventário completo do Acervo Arqueológico.

Desta forma constituiu-se o Projeto Requalificação da Reserva Técnica Arqueológica MAE/UFBA que está sendo desenvolvido com o apoio do corpo técnico do Museu (um museólogo, duas conservadoras-restauradoras e uma arqueóloga) e a implementação de oito estudantes bolsistas de diversas áreas: história, ciências sociais, bacharelados interdisciplinares e artes.

Cabe aqui ressaltar que as coleções arqueológicas pertencentes ao museu são de importância basilar para a história da Arqueologia brasileira. Neste sentido a preservação deste acervo é fundamental para que o museu possa cumprir suas funções de pesquisa e comunicação deste patrimônio representativo do passado pré-colonial e colonial e da contemporaneidade, e dos povos que contribuíram para a formação da diversidade e identidade brasileiras.

45 anos do Programa de Pesquisas sobre Povos Indígenas do Nordeste – PINEB

Por Ana Cláudia Gomes de Souza¹ e
Jurema Machado de Andrade Souza²

O Programa de Pesquisas sobre Povos Indígenas do Nordeste – PINEB comemora, nestes 70 anos da UFBA, 45 anos de existência, cujo início é marcado por uma viagem ao extremo-sul da Bahia, em dezembro de 1971, quando “os Pataxó descobriram os antropólogos”. Essa viagem marca o pioneirismo, e ousadia, do antropólogo Pedro Manuel Agostinho da Silva em investir em um campo de pesquisa contra todos os supostos do pensamento antropológico da época, para os quais “não mais existiam índios na Bahia”. Contrariando perspectiva tão fatalista, Pedro Agostinho e mais um grupo de estudantes, dentre eles Maria Rosário de Carvalho, atual coordenadora do PINEB, iniciaram, a partir da aldeia de Barra Velha, nos arredores do Monte Pascoal, município de Porto Seguro-BA, uma relação de pesquisa com os Pataxó, que perdura até hoje, e que ajudou a formar cinco gerações de antropólogos. Nos anos seguintes, a atuação do PINEB se estendeu a outros povos indígenas na Bahia – Pataxó Hãhãhãe, Kaimbé, Pankararé, Kiriri –, mas também a outros estados do nordeste, como os Tremembé, no Ceará, e os Kapinawá, em Pernambuco.

Os estudos desenvolvidos pelo PINEB, desde a década de 1970, irão contribuir significativamente para a etnologia indígena produzida no Nordeste. De lá para cá um número significativo de teses, dissertações, monografias, artigos e livros publicados, a partir das pesquisas realizadas, marcou a produção etnológica da região, bem como o recorte particular para apreender as especificidades que compõem o contexto etnográfico, que mais tarde passará a ser identificado como *índios do nordeste*. O diálogo com outros contextos também sempre esteve presente, mediante as pesquisas realizadas por Pedro Agostinho e

Aristóteles Neto, no alto Xingu – com os Kamaiurá e Wauja – respectivamente; por Maria Rosário de Carvalho e Edwin Reesink, no vale do Javari, rio Jutai, ambos com os Kanamari; e por Ângela Nunes, no Mato Grosso – com os A'Uwe-Xavante. É importante salientar que as pesquisas de Agostinho e Barcelos Neto renderam duas das principais coleções existentes no Museu de Arqueologia e Etnologia da UFBA, sobre os Kamaiurá e os Wauja.

O PINEB se consolidou enquanto grupo de pesquisa a partir da produção de uma antropologia engajada, na medida em que as questões concernentes às lutas dos povos indígenas, seja na constante mobilização pelo território, seja pela identificação étnica ou por seus direitos constitucionais em risco constante de violação, foram predominantemente consideradas. Esta sempre foi uma das fortes características do PINEB, i.e., a prática de uma antropologia política e engajada, no mais amplo sentido do termo, o que tem ensejado relevantes participações de seus membros em momentos decisivos, a exemplo da elaboração do capítulo sobre os Índios durante a Assembleia Constituinte, que foi totalmente acolhido na Constituição da Bahia, e a criação, nos princípios dos anos 1980, da organização não-governamental Associação Nacional de Apoio ao Índio, depois redefinida como Associação Nacional de Ação Indigenista – ANAI.

Além da pesquisa etnográfica no âmbito da antropologia social, uma outra área temática do PINEB é a etnohistória ou a antropologia histórica sobre povos indígenas na Bahia e nordeste, a partir de fontes documentais. Um dos principais

projetos desenvolvidos pelo Grupo, o Fundo de Documentação Histórica Manuscrita sobre Índios na Bahia - FUNDOCIN, identificou, transcreveu paleográfico - diplomaticamente e, na sequência, digitou, de acordo com normas paleográficas conservadoras, mais de três mil documentos manuscritos, dos séculos XVII ao XX, sobre a presença indígena em nosso estado. Desta forma, o PINEB contribui para recontar a história dos índios na Bahia, bem como disponibiliza, a esses povos, documentos por vezes caros às suas lutas e reivindicações.

Nesses quarenta e cinco anos de existência, o PINEB continua a contribuir com pesquisas na área da antropologia, em especial etnologia indígena e etnohistória, problematizando as mais diversas temáticas, desde etnicidade, territorialidade, cosmologia, economia, gênero, saúde, arte, educação e infância. Entretanto, seguindo a concepção de seu idealizador, segue, igualmente, atento às dinâmicas dos povos e comunidades tradicionais, ampliando seu interesse com trabalhos mais recentes junto a pescadores, quilombolas e comunidades de fundos de pasto.

Assim, a força mobilizadora do PINEB reside na concepção pedagógica e científica do seu criador, Pedro Agostinho, que idealizou o grupo para reunir professores e estudantes - graduandos e pós-graduandos - como forma de promover e fomentar a pesquisa em antropologia, a formação acadêmica, e, sobretudo, a formação política. Atualmente mantemos um site e uma página no *facebook* que podem ser acessados para informações sobre as atividades que realizamos, além de poder acessar parte do nosso acervo.

¹Professora UCSAL, pesquisadora do PINEB/UFBA; ²Professora UFRB, pesquisadora PINEB/UFBA

O Acervo Etnológico do MAE/UFBA

Por Antônio Marcos de Oliveira Passos*

O MAE/UFBA dedica-se a salvaguardar os referenciais culturais de algumas populações indígenas pretéritas e contemporâneas, com vistas a contribuir nas ações de ensino, pesquisa e extensão, pressupostos da universidade pública brasileira, que são fundamentais para fomentar e socializar conhecimentos.

Nessa perspectiva, desde a década de 80, do século XX, essa instituição, concebida a partir das áreas da Museologia, Antropologia, História e demais, vêm construindo reflexões a partir da cultura material e imaterial das populações indígenas da Bahia e do Parque Nacional do Xingu, com objetivo de contextualizar essas sociedades junto aos diversos públicos, especialmente o “público-escolar”, que são provocados a construir suas próprias concepções sobre a trajetória, importância e problemáticas que essas populações vivenciaram e estão vivenciando no presente.

Assim, durante três décadas as pesquisas etnológicas realizadas pelos pesquisadores associados desse Museu, constituiu relevante acervo composto de 520 artefatos, divididos em quatro coleções, a saber:

- **Coleção Pedro Agostinho**, proveniente do mestrado de Agostinho (1964-1968), sob a orientação com o Dr. Eduardo Enéas Gustavo Galvão da Universidade de Brasília. Investigação que desenvolveu reflexões sobre o ritual e simbolismo no Alto Xingu. Dessa pesquisa foram reunidos 268 artefatos, que aproxima os visitantes dos modos de ser, perceber e viver as “cosmologias xinguanas”. Cultura material doada pelo próprio pesquisador, em 1983, sendo a primeira coleção etnológica do MAE/UFBA. Coleção formada pelos seguintes objetos: bordunas, flechas, arcos, painéis de barro, redes, adornos plumários, pentes de piaçava, tipiti, armadilhas de pesca, e outros.



Cestos Waurá

- **Coleção Pankararé**, constituída de 12 artefatos, reunida pelo Prof. Cláudio Luiz Pereira, que apresenta alguns aspectos dessa população, que vive na localidade denominada de Brejo dos Burgos, Município de Glória, próximo a Paulo Afonso no Estado da Bahia, doada em 1983. Conjunto de objetos como aptos, painéis, cachimbos e outros.

- **Coleção Tuxá**, formada por 13 objetos, proveniente do Projeto de Salvamento Itaparica da Companhia Hidroelétrica do São Francisco – CHESF, na década de 80. “Autoidentificada como tribo Tuxá, nação Proká, caboclos de arco e flecha e maracá, o atual povo Tuxá se considera herdeiro das diversas etnias reunidas, a partir do século XVII, nas missões religiosas católicas instaladas ao longo do curso do baixo médio São Francisco”. (Site MAE/UFBA). Coleção constituída de vasos e painéis cerâmicos.

- **Coleção Aristóteles Barcelos e Maria Ignês Mello**, constituída de 227 artefatos, através do financiamento do Centro de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CADCT). Pesquisas de doutoramentos na Universidade de São Paulo, que aborda o grupo Waurá no Parque Indígena do

Xingu. Barcelos realiza reflexões sobre os ritos ligados a processos de cura de doenças provadas pelo contato com os Apappatai, e Mello desenvolve preocupações sobre a análise da música, da musicalidade e das categorias de gênero para repensar os rituais xamânicos. Coleção que reuni flautas, máscaras apappatai, painéis zoomorfos, remos, redes, torrador de beiju, zunidor, chocalhos e outros.

Desta forma, a partir da existência desse acervo etnológico, o MAE/UFBA contribui para qualificar as discussões sobre as populações indígenas, buscando atualizar reflexões sobre a situação de existência desses grupos, sua materialidade e imaterialidade e os impactos dos grandes projetos de investimento nos territórios desses povos.

Logo, a formação desse acervo fomenta diversas formas de articulações, que envolve compreender os antagonismos culturais, o protagonismo indígena e a responsabilidade do museu universitário, que tem a obrigação de ser “fórum” para novas pesquisas, ideias e contínuos projetos de preservação e salvaguarda dos bens culturais das sociedades indígenas.

*Museólogo – Chefe de Exposições do MAE UFBA, Mestre e Doutorando em Antropologia no Programa de Pós-Graduação em Antropologia/UFBA, Presidente do Conselho Regional de Museologia da 1ª Região (Nordeste) e Membro do Setorial de Museus da Secretaria de Cultura do Estado da Bahia.

Antropologia e Antropólogos na Bahia

O MAE e a afirmação de uma etnologia baiana

Por Cláudio Luiz Pereira*

Todo cientista social sabe que um dos grandes embates intelectuais travados em torno do conhecimento humano se deu em torno das afirmações concernentes aos estatutos da etnologia e antropologia. Lévi-Strauss escreveu sobre isto, aliás, um texto clássico, que merece ser revisitado, embora hoje, com a hegemonia da antropologia americana sobre a francesa, se possa formar melhor opinião sobre o assunto.

Mais que dois nomes para a mesma coisa poderíamos dizer de que se trata de duas coisas – antropologia e etnologia - que poderiam ter o mesmo nome. Tradições, escolas, metodologias, teorias: tudo leva a uma compreensão histórica, e geopolítica mesmo, sobre a formação da ciência do homem.

É interessante notar que o uso do nome Etnologia na definição do MAE/UFBA acontece em detrimento ou em esquecimento da universalidade do nome da antropologia - de fato, pensar-se-ia apenas numa etnologia indígena. É preciso lembrar que o departamento universitário da UFBA, formado para promover estas disciplinas academicamente, intitulou-se Departamento de Antropologia e Etnologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

A etnologia, em particular a indígena, mais que um rito de passagem que tem formado antropólogos, tornou-se amiúde o lado mais *hard* (em atenção ao método e a teoria) da antropologia, enquanto que a antropologia mesmo pulverizou-se em objetos (muitos, variados, subsumidos em vários olhares tão distintos quanto seus adjetivos - antropologia urbana, rural, simbólica, das populações afro-brasileiras, etc.). Esta última vertente parece mais palatável para o modelo de antropologia que formatamos: poderíamos até, como uma espécie de blague chamar de estilo baiano de antropologia.



Índios Kamayurá. Foto: Pedro Agostinho

A afirmação de uma etnologia, é certo, implicou um contexto (falamos aqui dos primeiros anos da década de 80 quando o MAE foi fundado) e alguns protagonistas de peso. Destes, o mais influente é Pedro Agostinho da Silva. Já nesta época, e por força de seu mestrado em Brasília, ele realizara estudos no Alto-Xingu, cujo acervo formado a partir de suas pesquisas fundamentou a formação deste Museu.

Não que não existissem tentativas de etnologia anteriormente. Registros vários demonstram a influência da etnologia neste campo, inclusive no que concerne as populações indígenas (ver, por exemplo, texto do Frei Protásio Frykel sobre os camacãs).

A etnologia indígena produzida a partir do MAE, todavia, se consolidou em muitas vertentes – inclusive o indianismo e o indigenismo – e tornou-se importante esteio, sobre o qual muitos grupos indígenas ressurgiram e buscaram reconhecimento. Vale mencionar aqui a presença instigante do PINEB, durante largo tempo, e as lideranças de Maria Rosário G. de Carvalho e Edwin Reesink, capazes de fomentar o aparecimento de novos etnólogos dedicados a questão indígena, a exemplo de Marcos Luciano Messeder ou Marcos Tromboni, dentre outros.

O MAE, entretanto, sendo museu, que em largos momentos privilegiou pragmaticamente a arqueologia em detrimento da etnologia, esforçou-se em conceber coleções, formando acervo importante sobretudo no que diz respeito aos Kamayurá, estudados por Pedro Agostinho, e os Waujá, estes últimos pesquisados por Aristóteles Barcelos. Pequenas coleções também foram formadas para representar os grupos baianos, embora em torno dela nenhuma etnologia, propriamente dita, se formou.

Na fase atual do MAE/UFBA a retomada das pesquisas etnológicas demandaria uma rearticulação de sua estrutura de pesquisadores, embora muito se possa fazer sobretudo a partir da coleta de material etnológico em mãos de professores da UFBA, alguns dos quais notórios indigenistas. Implicaria certamente treinamento de pesquisadores, e um redimensionamento do escopo técnico-administrativo, de modo a reestabelecer a pesquisa antropológica como uma de suas premissas básicas.

O que é nomeação para o Museu, tanto a Arqueologia quanto a Etnografia, torna-se mais que um compromisso pragmático, torna-se um desafio para o trabalho acadêmico e universitário.

*Antropólogo e Diretor do MAE/UFBA